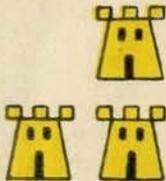


Annibal Soares



Chronica

do

Exilio 

PARIS

EMPRESA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

540 EAST 57TH STREET

CHICAGO, ILL. 60637

TEL: 773-936-3200

FAX: 773-936-3200

WWW.CHICAGO.EDU

UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

540 EAST 57TH STREET

CHICAGO, ILL. 60637

TEL: 773-936-3200

FAX: 773-936-3200

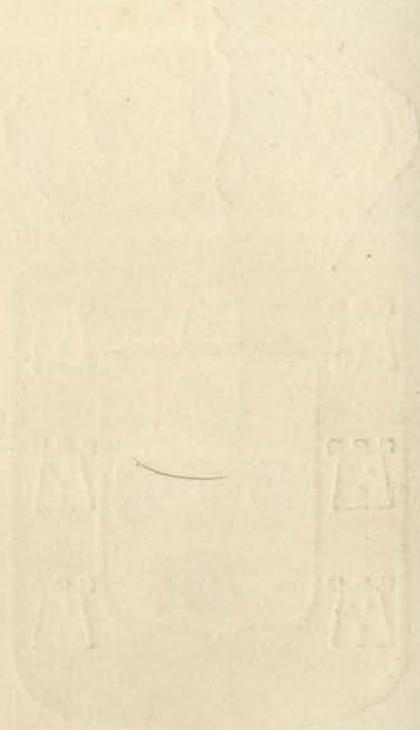
WWW.CHICAGO.EDU

UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

540 EAST 57TH STREET

CHICAGO, ILL. 60637



Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno	Fr.	14 »
	Semestre	—	7.50
	Numero avulso	—	0.30

SUMMARIO :

O exercito e a Republica.

Odio dos republicanos á policia ; sua razão explicativa.

O coronel Barreto e o seu papel na revolução. O seu passado, o seu futuro.

O exercito e a situação presente : ou a contra-revolução ou a fome.

Não ha por ahi um homem ?...



MANIFESTARAM sempre os republicanos portuguezes, pelos officiaes do exercito e por este mesmo como instituição, o mais completo, solemne e entranhado desprezo.

Desprezo, odio não. Odio tinham-no á policia, não sendo de resto difficil explicar esta aparentemente estranha phobia d'um partido que aspirava ao governo contra uma collectividade alheia em toda a parte ás contendidas de principios ou de facções, como encarregada que é d'uma função publica tão modesta quanto indispensavel, que não tem com as especulações politicas ou sociaes senão uma relação muito remota e secundaria.

E' que a propria constituição do nosso partido republicano, que não tinha multidões senão em Lisboa e Porto e ahi, quasi exclusivamente, n'aquella sociedade *sui generis* sobre que a policia exerce um imperio mal-soffrido, tornava esse tal antagonismo uma coisa inevitavel e fatal, como a hostilidade que desde o principio do mundo anima um contra o outro o cão e o gato.

Nos ultimos tempos da Monarchia, quasi não havia vagabundo ou larapio apanhado em aventuras nocturnas pelos bairros suspeitos, a quem — como o regista o noticiario dos jornaes da epoca — se não

encontrasse no bolso d'envolta com a navalha, o seu cartão de socio d'algum Centro Eleitoral Antonio José d'Almeida ou d'algum Centro d'Instucção e Recreio Dr. Affonso Costa. Interpretando e aproveitando habilmente os sentimentos e as aspirações sociaes características d'esta fauna entre que se recrutava a massa demagogica que actualmente governa de facto o paiz e para quem, em resumo, a Policia era o Mal, os chefes revolucionarios imbuiram-na, pela palavra e pela imprensa, d'est'outra ideia complementar — que a Monarchia era a Policia.

D'ahi a convicção, ingenuamente manifestada pela multidão revolucionaria nos primeiros dias seguintes ao triumpho, de que o advento de Republica implicava a extincção d'aquella collectividade ; reivindicação esta de que só desistiu ao reconhecer que, passando os individuos até ahi vigiados pela policia a exercer d'ora avante o poder, desde as cadeiras de ministro e de legislador até as ramificações menores das comissões municipaes e parochiaes, deixava por isso mesmo de ser temivelum orgão, cuja funcção perdia a sua razão de ser.

Por outro lado, ao passo que entre os republicanos e uns ou outros elementos militares houve frequentemente relações dubias, incertas, hesitantes, que em nenhum momento determinavam a mutua confiança e invariavelmente acabavam a mal — compromissos que não se cumpriam, conflictos que não eram decisivos — pelo contrario a attitude d'aquella outra modesta corporação, cingida ao desempenho estricto e leal do seu serviço d'ordem publica, foi sempre nitida e indubitavelmente hostil — o que pode incutir nos adversarios rancor, mas não desacompanhado de respeito.

Na noite do 28 de janeiro, um official superior do exercito, então commandante d'uma das corporações militares a que mais especialmente incumbia a defesa do regimen, perguntava ao sr. Alvaro Pinheiro Chagas, apertando as mãos na cabeça e descompondo o *paletot* que tinha lançado por cima da sua vistosa

farda : « O' sr. Chagas, mas então se *elles* viérem aqui atacar-me o quartel, diga-me cá, que hei de eu fazer?... » Precisamente á mesma hora, dois modestos guardas policiaes penetravam no depois celebre « quartel general » do Elevador da Bibliotheca, pegavam pelo gasnete aos chefes republicanos que ali se tinham recolhido, e levavam-nos para a esquadra na ponta dos chanfalhos, sem que o sr. Affonso Costa e os seus companheiros d'armas esboçassem sequer um gesto de resistencia perante aquelle primeiro — e, assim, unico — episodio d'uma grande e terrivel « revolução nacional » que elles se propunham dirigir, rodeados de punhaes, revolvers, espingardas, bombas de dynamite e toda a casta d'engenhos mortiferos, formando um arsenal que o proprio Tartarin não sonhára ao partir em guerra contra os *Teurs*. O que não impediu estes e outros revolucionarios audazes de censurar que El-Rei D. Manuel, cedendo ás repetidas injuncções de Teixeira de Sousa, se retirasse das Necessidades *apoz cinco horas de de bombardeamento aturado*.

Estes dois incidentes simultaneos, e tão typicos, não farão já só por si uma certa luz, que pode guiar os espiritos curiosos na explicação dos sentimentos tão distinctos que os revolucionarios nutriam por aquellas duas corporações publicas?...



Até á proclamação da Republica, porém, este desprezo tomava as formas indecisas e impessoaes ou d'uma affirmação, aliás imbecil, de principios humanitarios, como quando a imprensa republicana se erguia entre brados de cólera e assuadas de chacota contra as *guerras d'Africa* e os *heroes de papelão*, achincalhando assim ignobilmente essa epopeia colonial que foi ao mesmo tempo o enlevo do paiz e o mais precioso appoio do Rei D. Carlos para a sua brilhantissima obra do nosso prestigiamento internacional ; ou d'uma não menos tola campanha d'eco-

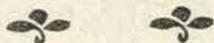
nomias, concitando a opinião publica contra todas as reformas d'organisação ou de material, que pudessem importar elevações de despesa com um *exercito inutil* ; ou revelava-se, ainda, no methodo da propaganda e da organisação revolucionaria, atacando a disciplina, invertendo a hierarchia, conchavando contra os officiaes a soldadesca e pondo aquelles de parte como inutilidades. Por amor ás apparencias o sr. João Chagas ainda lhes gritava na sua grammatica de preto : « Sejae comnosco! » Mas por outra parte escrevia que a Republica, proclamada em Lisboa, se faria em todo o paiz pelo telegrapho. No fundo não contavam com os *detentores da força*, nem para o bem, nem para o mal.

Feita a Republica, os republicanos, honrando desde logo algumas classes com a explosão dos seus rancores, encontraram-se deante do exercito n'uma situação bem singular. Elle não soubéra ser nem seu cumplice nem seu adversario. Elle fôra bastas vezes, por secretas promessas não cumpridas, a origem de muitas das suas decepções e de muitas das suas derrotas. E no fim de tudo e apesar de tudo esse exercito, do qual elles tão facil e imprevisadamente se encontravam agora dispondo, tinha-lhes posto muito medo : o *appoio das bayonetas* era um chavão sonoro dos comicios opposicionistas, ainda não esquecido.

Agora, porém, já não appoiavam : emquanto os restos do honrado coronel Celestino da Costa sahiam a porta do hospital da Estrella n'uma simples carreta que já não era coberta pela bandeira azul e branca, sem que um só camarada acompanhasse ao cemiterio o pobre esquife, dentro de cuja solidão mortuaria palpitava a honra do exercito, como a da marinha se refugiára nas quatro taboas do caixão de Frederico Pinheiro Chagas — uma praga *d'officiaes revolucionarios* vindos não se sabe d'onde, pullulando do chão como pulgas, infestava as ruas da cidade, estadeando no hombro mólhos de fitas verdes e vermelhas, como lacaios desvanecidos d'ostentar as côres d'uma nova libré.

Então a Republica pegou n'elles — e poz-lhes em cima o Correia Barreto.

Era a tampa.



Imaginem uma velha aguia real, cheia de combates, de proezas e de victorias, que ao cabo do curso da vida, tombando cachetica e senil na orla d'uma floresta, se encontrasse prisioneira da infima bicharada, tendo como guardião e preceptor um mocho esquivo e triste de campanario... E já viram coisa a um tempo mais desgostante e mais grotesca do que esses ursos captivos que podendo esmagar um gigante com um geito dos seus musculos, correm as feiras de provincia levados por um barbante, e a um breve assomo de cajado do esqualido cigano que os conduz se apressam a bambolear em desgraciosa danza as pellancras mirradas, com uns urros de submissão e de susto que menos divertem do que deprimem, como o spectaculo de degradação d'um ente que a natureza fez forte e bravo para combater e dominar?...

A Republica podia ter escolhido para seu ministro da Guerra, por exemplo, o sr. general Dantas Baracho, cujas affinidades republicanas eram de ha muito notorias, e que sob esse ponto de vista constitue um exemplo vivo da tolerancia e bonhomia do regimen monarchico. Podia ter dado esse posto ao sr. Machado Santos, que comquanto simples e caseiro commissario da administração da marinha foi em terra, ao que parece, o unico official que se aguentou no fogo até o fim ; e a quem, segundo é voz corrente, as altas patentes do exercito saudaram á sua chegada ao quartel general, unindo os calcanhares e tratando-o respeitadamente por — *meu Almirante...*

Mas os republicanos, por tanto tempo enfiados de medo deante do exercito que no fundo sempre haviam despresado, e que despresavam agora muito mais á vista do seu facil triumpho, experimentavam a volupia de o achincalhar até o ultimo vexame. Não ha ninguém mais cruel do que um poltrão victorioso. A

nomeação de Correia Barreto como cabeça d'uma corporação cujas qualidades características são tradicionalmente a lealdade, o espirito de sacrificio, o valor, o pundonor e o desinteressé foi, em resumo, um facto de sadismo.

A consciencia moral dos homens costuma absolver facilmente os militares que, mesmo faltando a uma estricte fidelidade ao regimen que servem, jogam a sua carreira ou a sua vida por uma causa que sinceramente lhes apparece como ligada á do bem publico.

Pavia era, com a Republica, capitão-general de Madrid. No emtanto não entrou na Historia como um traidor, senão que como o militar austero e ardente patriota, que ao ir á frente das suas tropas deitar pela janella fóra os vãos palradores do Congresso, jogando tudo por tudo, salvou a Hespanha da anarchia, do cahos, da ruina espantosa e inextricavel em que a tinham lançado as loucuras, as violencias e os crimes dos predecessores dos nossos Faustinos, dos nossos Nunes, dos nossos Costas, dos nossos Almeidas e da nossa massa carbonaria.

« Emquanto dirigia as suas manobras — escreve « um historiador — Monk repetia a Ludlow : é « *preciso viver e morrer pela Republica*. E poisando a « mão sobre a do inflexivel Haslerig jurava oppôr-se « á elevação do Carlos Stuart, e de qualquer outro. » Monk, amigo de Carlos I, servidor da Republica, restaurador dos Stuarts, é todavia uma figura veneranda da historia de Inglaterra, por a ter arrancado ao sombrio regimen de tyrannia, de depressão dos caracteres, de miseria moral e material em que a sua patria ia para sempre subverter-se, quando fazia o pasmo de Clarendon pelo « aniquillamento da liberdade, o abatimento dos espiritos, a facilidade na obediencia, a enormidade dos impostos... » — « Nenhum homem, disse Sydney Smith, pode fazer grandes coisas pelo seu paiz sem algum sacrificio das virtudes menores. »

O que n'este Correia Barreto ha d'ignobil é que elle não foi por maneira alguma um revoltado, justa ou

erroneamente persuadido de que a salvação do paiz estava na Republica, nem arriscou ou arriscaria um cabello pe'o triumpho d'essa causa, como não jogaria pela sorte dos seus correligionarios a menor das commodidades e benesses que lhe proporcionava a sua situação de *homem de confiança* dos poderes monarchicos.

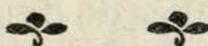
A sua missão, antes da victoria, não era de organizar nem de combater ; era de surripiar ao Estado, passando-as á sucapa para as mãos dos republicanos, as munições que o Estado confiava á sua dedicação mil vezes affirmada, e sellada com a babugem do seu servilismo pelas antecamaras do Rei e dos ministros. O seu papel era o d'um caixeiro infiel, abastecendo uma quadrilha com os generos do patrão. Não era um conspirador, nem era um revolucionario ; era principalmente e em ultima analyse — um pilho.

De resto — traidor de dois gumes — Barreto não se descuidava de assegurar a sua situação na Monarchia, tivésse embora de amarrar a sua barca aos cabellos dos correligionarios, quando os apanhava de mergulho. Descoberto o *complot* de 28 de janeiro, encarcerados os chefes, mandadas analysar pelo coronel Barreto as bombas de dynamite que se haviam encontrado em poder dos populares sediciosos para que se pudesse determinar a gravidade da sua culpa, Barreto apresentava de um dia para o outro o seu relatorio, de que se fez echo a imprensa ministerial, classificando, textualmente, como — *perigosissimas* — essas mesmas bombas que elle fabricára, que elle desviára, que elle fornecêra aos republicanos e que cynicamente agora, dominada a revolta, perdida a cartada, elle fazia estalar com todo aquelle estrepito sobre as cabeças dos seus correligionarios vencidos e presos, *carregando-lhes a parte* para melhor assegurar a sua rendosa posição na Monarchia e a pensão monetaria que, para uma pessoa de sua familia *que vivia com elle*, misericordiosamente obtivéra da inesgotavel munificencia d'El-Rei D. Carlos.

E ainda mais tarde, já no reinado do Senhor

D. Manuel, quem senão elle, assistindo como tecnico o Juiz d'Instrucção Criminal, informou os processos de revolucionarios como João Borges e outros, portadores d'engenhos explosivos, que á data de 5 d'outubro se encontravam presos para ser julgados, e com a *cama* bem preparada pelos laudos tremendos do... *conspirador de ha vinte annos?*

De 3 a 5 d'outubro de 1910, emquanto um reduzido grupo de insurrectos arriscava a sua vida n'essa tragi-comica aventura — cujo exito foi assegurado mais pela cobardia, pela traição e pela inepeia d'alguns dos dirigentes superiores do que por falta de decisão, de lealdade e de valor nos commandos subordinados e na massa das tropas — onde estava o *conspirador de ha vinte annos* senão em Cintra, cautelosamente, aparando a penna perita que havia d'enca-lacrar em relatorios d'estucha os correligionarios derrotados, sem embargo d'ir fazendo appetite para aquella almoçarada engulida pouco depois no Museu da Revolução, junto á « sala dos regicidas » — onde entre palmeiras e versos dos *Lusiadas* se ostentava a carabina com que tinha sido assassinado o Rei seu bemfeitor?...



Não faltou quem na primeira hora, ao vêr a Republica cuspir sobre o exercito o coronel Barreto, esperasse da parte d'aquella corporação um qualquer assomo de protesto, que devolvesse o traidor viscoso e timorato á obscura condição d'aproveitado mas despresado, que é a que a tradicção estabelece para os clandestinos serventuarios da laia d'esse. Não ha duvida de que, determinando-se a tomar esse expediente, o exercito não só teria dado uma salutar lição moral, d'alcance generico, e uma demonstração ruidosa do seu respeito pelos principios que basilaramente constituem a chamada *honra militar*, como até, subsidiariamente, evitaria á guarnição de Lisboa o incommodo d'uma grande formatura, no dia em que a Monarchia restaurada tivér,

como imprescindível e urgente medida de saneamento, de mandar exauctorar publicamente o pilha-cartuchos — se acaso apparecer então um corneteiro bastante desatreito a nauseas para lhe pôr a mão sem repugnancia nos galões prostituidos.

Mas o exercito já n'essa altura tinha deixado perder ou tinha visto roubarem-lhe o ensejo de produzir outros ensinamentos de brio profissional. Em resumo e fôsse como fôsse, o exercito estava vencido — e um exercito vencido não se impõe, submette-se.

Submetteu-se. Submetteu-se á substituição da bandeira honrada e gloriosa que jurára e servira e que tantas vezes tinha sido, nos campos de batalha, a ultima visão dos combatentes moribundos, por um farrapo inesthetico e odioso, sem outras tradições senão aquellas que lhe veem da circumstancia de symbolisar a velha ideia republicana da *união iberica*, da qual, diga-se de passagem, o sr. Arriaga foi sempre, pela escripta e pala palavra, um paladino decidido ; vendo-se este facto espantoso e significativo : que emquanto os *pretos d'Africa* se recusam a reconhecer o trapicalho vermelho e verde, a hasteal-o nas suas emballas, a prestar-lhe homenagem e a pagar-lhe tributo, e se batem indomavelmente pela bandeira tradicional do reino... os *brancos* agaloados e condecorados já por duas vezes tiraram da espada contra o pendão sagrado das quinas, que de cada vez que tremula desfere no ar um feixe d'estrophes da vibrante epopeia militar escripta á sombra d'essas côres por outros guerreiros portuguezes — por outros, que não pelos que as combatem !

Submetteu-se aos vexames da carbonaria, vendo-se coroneis, commandantes de corpos, acompanhar hombro a hombro, em visita *d'inspecção* aos seus quartéis, o primeiro rancho de malandrins d'Alfama que lhes apparecia á porta como ameaça viva d'uma demissão ou d'uma transferencia, sem que um só d'esses *homens de guerra*, n'um transporte da sua dignidade pessoal e professional offendida, perdêsse a tineta da meia duzia de mil reis que lhe custavam

taes humilhações e despedaçasse para sempre a espada no lombo d'algum dos sarrafaes d'esquina de quem a Republica os fazia escravos.

Submetteu-se a ouvir na parada d'um quartel, debaixo de fórma, um ministro, Antonio José d'Almeida, incitar a soldadesca a fuzilar os officiaes cuja attitude *the parecesse* menos consentanea aos interesses da Republica. Sujeitou-se a todas as missões, desde as mais irrisorias, como a de andar pelo paiz fóra em viagem de propaganda, semeando dislates no seio dos povos que chasqueavam dos improvisados oradores de caserra, até ás mais odiosas e iniquas, como a de fuzilar gente inerme e pacifica pelos montados do Norte, ou de chancellar servilmente nos tribunaes marciaes — *marciaes...* — violentas condemnações d'accusados sem provas, n'uma medrosa subserviencia ás intimações da canalha que os julgadores civis — os modestos *civis*, sem galões, sem armas, sem *a força* — tinham honrada e corajosamente sabido desprezar!...

Submetteu-se a tudo — e para quê?

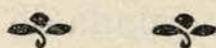
Eis a Republica em vespera de liquidar ; eis os seus adeptos, os mais apaixonados ou os mais interessados, os seus fundadores, os seus crentes, os seus predica-dores d'outro tempo, que a declaram transviada, perdida, inadaptavel. Eis o thesouro sem vintem, eis o paiz dividido em hostis e indifferentes, as populações ausentando-se por dezenas de milhares, enchendo a trasbordar todos os escaninhos de todos os navios que tocam em Portugal ou no norte de Hespanha, eis a ordem publica irremediavelmente subvertida — e eis os governos incapazes de pensar sequer na resolução d'algum d'estes tres problemas capitaes, ou de qualquer outro ; porque a Republica está atacada d'aquel a especie de *paralysia geral*, que costuma accommetter os regimens politicos nas vascas da agonia.

E eis, em conclusão de tudo isto, o exercito collocado entre as pontas do dilemma, que ha dois annos vem procurando illudir com uma passividade culposa : ou destróe a Republica ou se lhe acaba o soldo.

Porque, pensando bem, no temeroso dia do *finis Patriae* para onde já todos explicita ou implicitamente confessam que a Republica nos encaminha em vertiginoso galope, cada um mais ou menos terá que soffrer nos seus interesses materiaes e todos, horrosamente, no nosso coração de portuguezes ; mas a *fome negra* a quem espreita é áquelles que, senhores agora d'uma força que não utilizam em esforço supremo para a defesa da sua Patria, deixarão de ter a desempenhar sequer um simulacro de função publica, no momento em que o estrangeiro tivér encontrado o pretexto para ir a Portugal impôr a ordem que o exercito portuguez não pôde ou não quér assegurar.

O industrial, o commerciante, o agricultor, o escriptor, o medico, o artifice, sempre e em qualquer conjunctura, mais ou menos difficil ou angustiosamente, hão-de dentro ou fóra do seu paiz encontrar os meios de fabricar, de negociar, de lavrar, d'escrever, de curar doentes, de talhar vestidos ou de confeccionar botas ; o official do exercito, se não possuir outras aptidões (e quasi todos os officiaes portuguezes que as possuem já despiram discretamente a sua farda), contorce-se na miseria nua, evidentemente, desde a hora em que o seu paiz deixe de poder ou de precisar sustentar em armas uma força nacional.

Foi o exemplo da Polonia ; foi o do Egypto ; talvez seja em breves dias o da Turquia, conduzida á derrota e á ruina pelos seus *jovens turcos*, pelos seus generaes de club e pelos seus capitães de praça publica...



Tal o problema que instantemente se põe e no qual, apesar de tudo, nós os monarchicos que não cingimos uma espada somos mais espectadores do que figurantes.

Ou a contra-revolução — com as suas maiores ou menores probabilidades de exito immediato e de redempção futura — ou a fome.

Não existirá n'esse exercito um official bastante

arrojado e bastante ambicioso de gloria para intentar, n'um golpe de mão ousado, a libertação e a salvação do paiz, *na conjunctura mais critica que este tem atravessado desde o inicio da sua historia?* Não é, a despeito de todas as apparencias, licito deserer ainda.

O exercito foi vencido em 5 d'outubro pela inacção, pela incompetencia e pela cobardia dos dirigentes, porque ninguem ignora que as tropas nem triumpham nem se batem sem commando ; e n'essa situação de vencido se tem conservado até agora, porque uma rebellião militar, que ás vezes depende d'um méro incidente propicio, não depende comtudo de votos intimos e individuaes, embora unanimes, emquanto não surgem, simultaneamente, o homem e o momento que devem determinar-lhe a explosão.

No fim de contas, o exercito é o mesmo que deu ao paiz, nas formidaveis campanhas africanas, os unicos dias de jubilo e de felicidade publica que Portugal tem podido gozar desde ha longos tempos ; é o mesmo de cujo seio sahiu aquella brilhante pleiade d'officiaes, que arremessando nobremente ás faces da Republica uma farda que ella queria ennodoar, veiu nos campos de Chaves bater-se com épica bravura, sem outro interesse que não fôsse o do mesmo ideal sublime que em todos os campos de batalha do mundo animava os antigos guereiros portuguezes — a gloria da Patria, a honra do Rei que a symbolisa.

Esperemos e confiemos — confiemos em que os filhos dos militares d'hoje, cidadãos d'uma Nação livre e próspera, não tenham que esconder algum dia de olhares estranhos a espada de seus paes, como quem relega da sua memoria uma lembrança d'opprobrio !...

ANNIBAL SOARES.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

! Devido a embaraços que não seria facil evitar no inicio d'esta publicação, teem saído com atrazo os primeiros numeros da *Chronica do Exilio*, do que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

Vamos, com a brevidade possivel, tratar de remediar este inconveniente, de forma que dentro em pouco se encontre adquirida a regularidade na publicação, saindo a *Chronica do Exilio* nos dias annunciados.

A EMPREZA EDITORA.

